MEDIUNIDADE

RESPONSABILIDADE DIVIDIDA

Espíritos precisam saber se comunicar ou isso depende dos médiuns?

Compreenda um pouco mais sobre isso...



Sandro Fontana

Digital e-book

Mediunidade

Responsabilidade Dividida

por

Sandro Fontana

Distribuição Gratuita Online

Publicado em 26/11/2012



Mediunidade

Responsabilidade Dividida

O presente trabalho tem por objetivo trazer conclusões a partir de estudos e obervações de como ocorre o processo mediúnico numa visão contemporânea. O conteúdo traz detalhes de algo intrínseco à mediunidade, esquecido ao longo do tempo e que passou desapercebido até pelo codificador da doutrina espírita.

O material estudado e as conclusões são focadas para o universo da Ciência Espírita.

ÍNDICE

Prefácio..... 4

Espíritos Precisam Saber se Comunicar? 7

Como Funciona a Psicografia?..... 11

Para Algo ser Verdade, Precisa ser Recorrente..... 13

Verificando Por Outros Meios..... 18

Médiuns Contemporâneos Também Afirmam a Dificuldade..... 24

O Que Apontavam as Pesquisas do Passado? 34

A Psicografia de Grace Rosher..... 46

Alguns Limites Para os Espíritos..... 53

Voltando ao Caso..... 57

Bibliografia 64

PREFÁCIO

Faz algum tempo que venho protelando o início desse trabalho, mas por hora chegou o momento. Depois de iniciar meu maior e melhor investigativo sobre a possibilidade de comprovar ou não a sobrevivência da mente após a morte do corpo, o estudo de assinaturas em cartas psicografadas, fiquei como se me sentisse "devendo compartilhar tal conhecimento adquirido ao longo dos estudos e da pesquisa".

Além dos resultados expostos, ficou um acúmulo de conclusões e descobertas interessantes ao espiritismo, favorecendo para um "compreender melhor" sobre as lacunas deixadas em aberto por Allan Kardec.

Não escondo de ninguém que deixei o espiritismo de lado quando descobri certa rejeição às pesquisas [1] (aqui no Brasil), principalmente sobre a mediunidade, canal esse que é a fonte de todo o conhecimento espírita.

Em 2010, depois de ter me destinado apenas a ficar

[1] Hoje não posso dizer o mesmo pois descobri vários grupos que pesquisam, cada um com suas características. A LIHPE, Liga de Pesquisadores do Espiritismo, é um bom exemplo disso, eles desenvolvem pesquisas e encontros para compartilhar novas descobertas.

debruçado sobre estudos diversos, foi que resolvi de uma vez por todas, “reencarar” os fenômenos e o que eu já devia ter iniciado anos atrás.

No inicio de 2012, decidi publicar, mesmo sem ser conhecido no meio espírita, meu primeiro trabalho conclusivo sobre a mediunidade de psicografia[2]. Tal estudo demonstrou ser possível medirmos um nível de mediunidade estimado, usando as próprias cartas psicografadas como referência. O mesmo trabalho constatou tecnicamente o animismo, estudado por Alexandre Aksakof.

Já naquele tempo eu havia detectado um fato simples, porem ignorado na codificação espírita: A dificuldade do espírito se comunicar.

Sei que expor isso no atual meio espírita se torna um desafio, uma vez que demonstra algo relevante e não detectado por Kardec, ao menos não relatado de forma explícita.

Em toda a codificação, Kardec não comenta e não retrata o lado dos espíritos em sua capacidade de se comunicar, tal fato se estende por toda a obra e enfatiza a responsabilidade do médium como agente comunicador.

Meu interesse não é e nunca foi de desmerecer o “pai” do espiritismo, pelo contrário, venho agregar conhecimento a ciência espírita, como ele sempre bem desejou, evitando assim que o espiritismo se desatualizasse e arrisca-se a ficar para trás.

Aos espíritas mais críticos e devotos ao Mestre Rivail, peço a compreensão e um tempo para que leiam os motivos de minhas

[2]Publicado na revista Espiritismo & Ciência, 2012 – números 55 e 56.

conclusões e pensem a respeito, pois como o próprio Kardec afirmou: A verdade sempre irá permanecer pois a mentira não se sustenta.

Aos espiritas "ortodoxos", ou aqueles que assim se denominam, peço que releiam *Obras Póstumas* e não fechem seus olhos quando Kardec relembra que o espiritismo deveria ser revisto de tempos em tempos, mudando e se adaptando com os conhecimentos científicos ao longo dos anos. O "mestre" sabia que não completaria sua obra e, tenho certeza que ele iria rever algo se fosse necessário, como o fez na publicação do *Livro dos Espíritos*.

ESPIRITOS PRECISAM SABER SE COMUNICAR?

Eu não parei de me fazer essa pergunta quando me deparei com uma série de dados coletados e analisados ao longo da pesquisa sobre cartas psicografadas. Embora eu nunca houvesse ouvido falar sobre isso no meio espírita, nem tampouco na codificação, eu ainda não conseguia "fechar" os dados obtidos com meus conhecimentos.

Em determinados momentos, analisando as cartas psicografadas, eu via uma assinatura muito semelhante, em outros eu as via totalmente diferente ou senão com a letra do médium.

Minha primeira conclusão, reticente ao conhecimento espírita, era de que médium poderia não estar em um bom dia ou não estar sintonizando adequadamente o espírito manifestante. Tal ideia se firmava no entendimento que a comunicação ocorre por sintonia e essa poderia ser a melhor justificativa para algumas cartas conterem um grafismo mais similar que outras. Isso de fato ocorre, e todos sabemos disso, porém questionei a mim mesmo se essa

responsabilidade da “sintonia” cabia somente ao médium ou ao espírito também.

Comecei a mudar de opinião, referente a completa responsabilidade e estado do médium. Certo dia, numa mesma sessão, um espírito se manifestava escrevendo com letra muito similar (de quando em vida) e, logo em seguida, outro espirito vinha e não conseguia fazer o mesmo, tudo isso numa fração de minutos.

Isso me intrigava na época mas eu pensava positivamente, digo isso pois, dentre as hipóteses da parapsicologia (contrária a manifestação de espíritos), era de que o médium possuísse uma habilidade clarividente. Isso acabava sendo inconsistente porque, como poderia, num mesmo momento, um clarividente visualizar e reescrever um grafismo muito similar e, em outro (no mesmo momento), não? Me parecia que esse “bug” na psicografia vinha a colaborar com uma manifestação de espíritos e não de um poder clarividente ou superPSI.

Como exemplo disso, a imagem (figura 1) demonstra o que pretendo dizer. Nela podemos observar assinaturas em cartas psicografadas[3] (Sra. Alice – Caso 2) e seu genro genro (Sr. Edson – Caso 1), em uma mesma sessão mediúnica, tentando assinar após a carta redigida (intuitivamente)[4].

---

[3] No final deste livro irei retomar o caso para análise mais detalhada.

[4] O texto foi possivelmente redigido intuitivamente, apenas no final da mesma o médium “cede” o braço aos espíritos. Nesse caso, a filha que perdeu mãe e marido, recorre a um médium em tentativa de contato. Agradeço a ela pela generosidade e colaboração em ceder precioso material e colaborar com a Ciência Espírita.

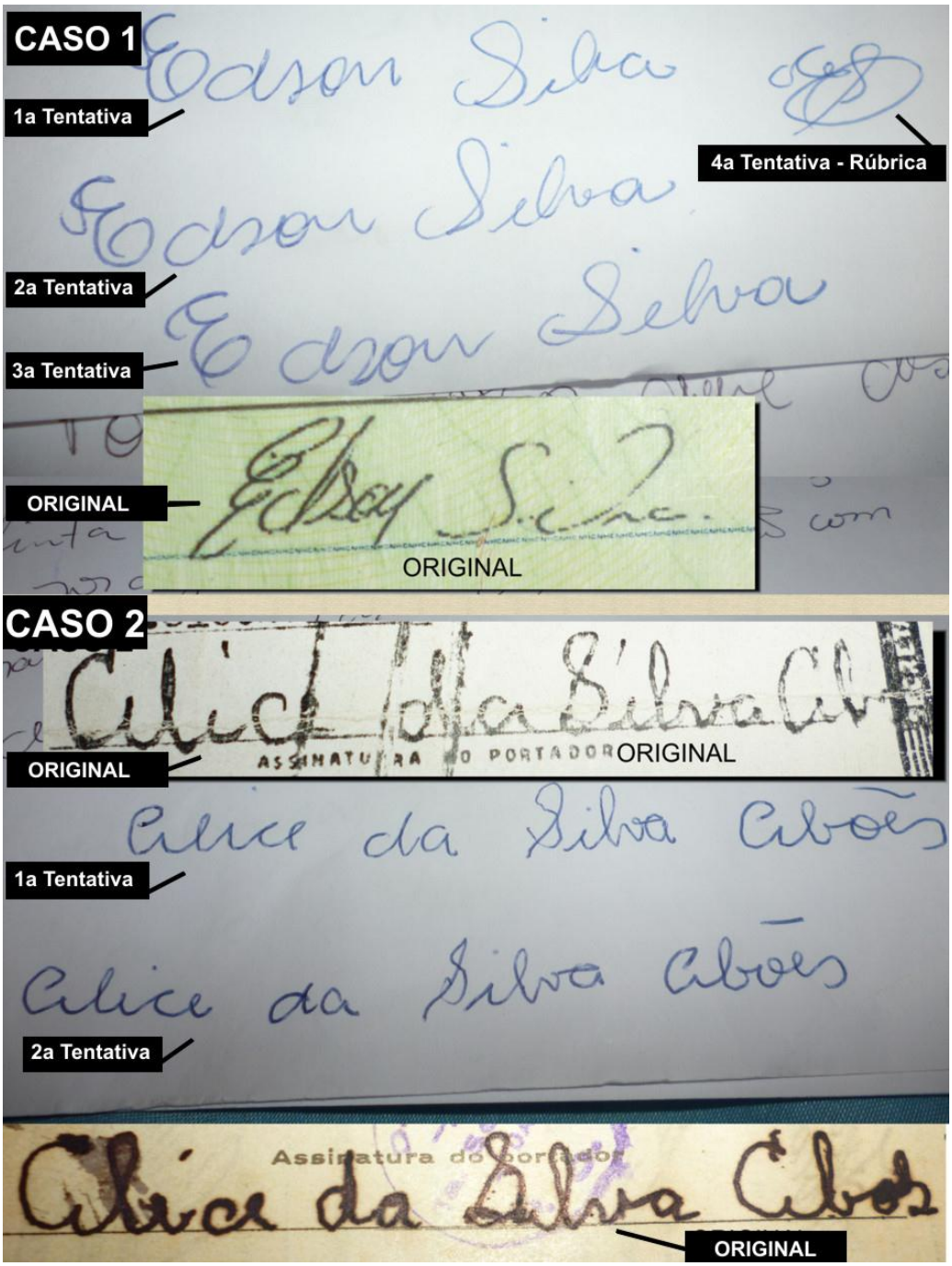


Figura 1

Na imagem, constam amostras de originais e tentativas,

incluindo uma tentativa do Sr. Edson de rubricar seu nome. Teria ele percebido que não ficaram boas outras amostras?

COMO FUNCIONA A PSICOGRAFIA?

Embora seja bem conhecido e dominado, no meio espírita, o "mecanismo" da psicografia, vale relembrar alguns detalhes e isso é importante para o decorrer do estudo.

Basicamente, Kardec definiu a psicografia como um dos fenômenos da mediunidade. Ele categorizou o médium psicógrafo como podendo ser mecânico, intuitivo e/ou semimecânico[5].

Na psicografia intuitiva, o médium recebe a comunicação via cérebro/mente e transcreve os pensamentos que não são seus, mantendo-se consciente do que escreve.

O médium de psicografia mecânica é aquele que lhe tem o braço impulsionado, alheio a sua vontade, e escreve como sendo o próprio "braço" do espírito. O médium, nesse caso, é totalmente ignorante ao que escreve, portanto não tendo consciência alguma do que surge ao papel.

O semimecânico, por sua vez, é uma mistura de ambos e se caracteriza pelo médium possuir consciência parcial, podendo mudar

[5]Não incluirei aqui abordagem sobre a psicografia indireta pois não se aplica ao caso.

o grafismo a todo o momento.

Eu gostaria de lembrar que, para fazermos ciência disso, precisamos de dados comparáveis e preferencialmente mensuráveis. Em geral os fenômenos espíritas são subjetivos e isso, de forma alguma, quer dizer que não ocorram, porém não podem ser determinantes para serem considerados isoladamente como verdades. Por esse motivo me detive a usar as cartas psicografadas pois se tratam de algo "palpável" e, dessa forma, produzem evidências materiais.

Com base no dito acima, fica mais claro o motivo de descartar, para estudos somente, cartas que não contenham algo comparável (da psicografia mecânica e semimecânica). Digo isso pois seria mais fácil observar um fenômeno onde o espírito teria que "segurar" e conduzir a mão do médium, comparado com outro qualquer, deixando assim sua "impressão digital" pessoal.

Embora, como falei anteriormente, a questão de "sintonia" é importante e constante, ainda não dominamos todo o conhecimento sobre como o processo ocorre, mesmo assim, a capacidade de sintonia, por lógica, depende dos dois envolvidos. Obviamente, o médium necessita ser passivo, ao extremo, porém, se para mover o braço e escrever, depende-se de algo além da própria sintonia (alguma técnica especial sintonizada), isso também requer valor do comunicador (espírito).

PARA ALGO SER VERDADE, PRECISA SER RECORRENTE

Essa foi a frase que norteou todo meu trabalho e por isso minha forma de pensar somente conclui por algo como verdadeiro quando um fato se torna recorrente (se repete) e, é claro, os pontos contra não superam a lógica.

Eu me questionei muito antes de iniciar esse livro. Me perguntei inúmeras vezes se realmente era necessário trazer à tona tal descoberta ou deixar isso num mundo implícito de cada um que o viesse a constatar.

Essas palavras não são mera prepotência, pelo contrário, acabaram sendo um ato de coragem e busca, uma vez que eu sabia que iria gerar problemas no meio espírita atual, muito dogmático[6]. Por esse motivo, reuni um grupo de conhecimento adquirido, não somente por mim, mas por outros pesquisadores, incluindo de outras crenças.

Aproveito aqui para esclarecer alguns detalhes importantes,

[6]Me refiro ao dogmatismo espírita pois há certo receio em aceitar algo contrário ou discordante ao que Kardec deixou escrito.

sendo que se faz necessário diferenciar duas coisas dentro do universo espírita: A Doutrina Espírita e a Ciência Espírita.

Ambas parecem ser a mesma coisa, mas não são. Vou convencionar aqui para ficar claro e evitarmos problemas futuros com a semântica das palavras.

Entendemos por Doutrina Espírita, todo aquele conjunto de informações que se vinculam a moral. A Ciência Espírita, diferente da Doutrina, pelos conhecimentos e regras que fazem parte da fenomenologia.

Como eu comentei, parecem a mesma coisa, mas não são e uma interpretação inadequada pode gerar confusão. Um bom exemplo disso, e que demonstra a diferença entre elas, é um paradigma espírita, onde se torna difícil determinar algo simples: O que é ser espírita?

Se analisarmos pelo livro dos espíritos, na Ciência Espírita, podemos assegurar que todo aquele que é espiritualista e que acredita na comunicação entre vivos e mortos e na reencarnação, é um espírita!

Parece simples, não? Mas não é. Se pensarmos por essa ótica, umbandistas, colegas da Fraternidade Branca ou qualquer outra crença se enquadram nesse quesito, sendo assim, portanto, espíritas, segundo as definições do próprio Kardec (Livro dos Espíritos, FEB, 2004, pag. 64):

> *Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em*

> *si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo,* ***empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo****, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria.* ***[Grifos meus]***

Há, no entanto, aqueles que não aceitam isso como uma verdade, não aceitando também que possa existir um espiritismo Kardecista ou Kardequiano.

Opiniões a parte, a definição que Kardec elaborou foi para distinguir ideias e concepções, dando margem assim para referenciar eternamente categorias distintas, sendo o espiritualista um oposto ao materialista e o espírita como um subgrupo do espiritualismo, esse último acreditando na comunicação entre vivos e mortos e a reencarnação.

Vejo isso de uma forma positiva, pois o que seriam (como se chamariam) aqueles que comungam da mesma crença, porem com cultura diferente?

Por esse motivo que a Doutrina Espirita é algo diferente. A

doutrina é exclusiva, com base ideológica e cultura interna própria. A Ciência Espirita, por sua vez, é aberta, fundamentada nos fenômenos e nos conceitos (leis) imutáveis.

A Doutrina Espirita, oriunda de um conhecimento obtido pelas mensagens de espíritos, vem trazer a moral e a conduta, algo que se propõe a ligar o homem com Deus.

Kardec, de uma forma ou de outra, compreendia isso e por esse motivo estruturou e espiritismo sobre 3 pilares: Ciência, Filosofia e Moral/Religião.

O que passa desapercebido, a meu ver, é a falta de compreensão sobre essas bases, sendo que a filosofia é a importante ligação entre os dois opostos (ciência e religião). De nada adianta um extremo conhecimento sobre a fenomenologia, unicamente, ou uma moral elevada, tão somente, se não houver um meio de vida condizente e harmonioso entre eles? Se formos científicos demais, nos tornamos secos, se opostamente, religiosos demais, nos tornamos cegos.

Para se compreender melhor, pensemos que todo o conhecimento moral espírita vem da mediunidade, ou seja, do fenômeno mediúnico. Se não houver estudo e domínio de tal processo (mediunidade), como poderíamos receber mensagens confiáveis? As experiencias e o tempo demonstram que as informações ainda são muito “contaminadas” e que os médiuns, mesmo sem desejar, interferem nas mensagens.

Conhecer tão somente não basta, pois o fenômeno, mesmo que fosse perfeito, não poderia gerar frutos se não estiver vinculado a

espíritos de moral elevada, esses, estando presentes e contribuindo quando o interesse é provocado.

Em suma, uma coisa não vive sem a outra, e se não for assim, é incompleta. Isso já ficou claro na codificação, onde Kardec deixou registrado que a evolução deve se manter equilibrada entre a moral e o intelectual.

Contudo, nos próximos capítulos, estarei trazendo um pouco de fragmentos importantes e recorrentes, demonstrando o que o livro se propõe.

VERIFICANDO
POR OUTROS MEIOS

Embora eu me detenha a usar meios "seguros" para tentar evidenciar e demonstrar que os espíritos precisam "saber" se comunicar, usando psicografias mecânicas e semimecânicas[7] como referência, um bom modo também é quando se usam mais médiuns para confirmar um mesmo evento, é claro, usando médiuns de elevada capacidade e desconhecedores dos fatos envolvidos. Cito a seguir um caso onde envolve a famosa médium Leornard (muito testada em seu tempo) e uma outra médium (Sra Cregg) que cede o corpo para um momento de "incorporação", tal fato consta no livro *Raymond*, escrito pelo famoso e respeitado físico e pesquisador, Oliver Lodge, ganhador do prêmio Nobel de Física:

Sessão anônima de O. L. com Mrs. Cregg

Às 11:15 de sexta-feira, 3 de março de 1916,

[7]Não uso médiuns de psicografia intuitiva pois é difícil obter dados mais técnicos.

cheguei à casa de Mrs. Kennedy e com ela fiquei a conversar até que Mrs. Cregg aparecesse, às 11:30.

Mrs. Cregg entrou na sala, falou a Mrs. Kennedy e disse: "Oh, é esse o senhor a quem tenho de atender? Foi-lhe indicado um assento próximo ao fogo e a dona da casa disse-lhe que repousasse por um momento da sua caminhada de ônibus. Ela, entretanto, logo que se sentou, advertiu: "Esta sala está cheia de gente, e oh, como alguém se mostra ansioso por manifestar-se! Ouço dizer: "Sir Oliver Lodge". Conhecem alguma pessoa com este nome?"

Respondi que sim, que eu conhecia.

Mrs. Kennedy levantou-se para atenuar a luz; Mrs. Cregg prosseguiu: "Quem é Raymond, Raymond, Raymond? Está de pé junto a mim". [Raymond era o filho falecido de Oliver Lodge]

Evidentemente ela estava entrando em transe, de modo que afastamos da lareira os nossos assentos e preparamo-nos.

Por algum tempo, entretanto, nada sobreveio, ***salvo as contorções que a sacudiram, numa luta para conseguir voz****; Mrs. Cregg esfregava as costas, como se alguma dor a incomodasse, e respirava com esforço.*

Mrs. Kennedy procurou ajudá-la com transmissão de força.

Ajoelhou-se ao lado e acariciou-a. Fiquei à espera.

Suas primeiras palavras foram: "Acudam-me! Onde está o doutor?"

Depois de algum tempo, e graças ao concurso de Mrs. Kennedy, o controle [espírito] pareceu firmar-se; e as palavras: "Tão contente, pai; tão contente" foram repetidas várias vezes, em tom indistinto e abafado, seguidas de: "Meu amor para todos".

Enquanto Raymond falava assim a intervalos, a médium movia-se dum lado para outro, de

braços pendurados e cabeça caída, ou então jogada para trás – em atitudes de aleijada ou ferida[8].

*D**e quando em quando parecia fazer esforço para dominar-se**, e por uma ou duas vezes traçou as pernas e ficou firme, com os braços mais ou menos cruzados. Na maior parte do tempo oscilava dum lado para outro.*

Na noite desse mesmo dia fui à casa de Mrs. Leonard [outra médium]*, com quem tive uma sessão deveras notável pela revelação do que se passara com Mrs. Cregg. O fato merece bastante atenção.*

Sexta-feira à noite, 3 de março de 1916

*Feda [era a mentora da Mrs Leonard – médium]– Feda conta que Raymond esteve em casa da mãe de Paul, **experimentando controlar** uma velha médium, nova para ele. Tentou falar através dessa médium mas não*

[8] O Pesquisador Eernesto Bozzano, relata algo similar em seu livro ANIMISMO OU ESPIRITISMO, onde se evidencia que um espírito ao se "infiltrar" na aura do médium, ele lhe traga momentos da vida passada. Raymond morreu na 1ª Guerra Mundial, em combate.

> *o conseguiu. Paul* [outro espírito que estava com Raymond] *ajudou-o como pôde, diz ele,* ***mas a coisa esteve difícil****. Diz que se esforçou mas não se sentia dono de si. É terrivelmente estranho tentar o controle de alguém* [até então a mentora o intermediava nas sessões]. *Ele o tentou com firmeza e quase o conseguiu. Oh, diz ele,* ***vou tentar de novo, não abandonarei a tarefa****. Você sabe, pai, eu posso ser qualquer. Acha que neste caminho alcançarei prática perfeita?*
>
> *O. L. – Sim. Acho que com a prática tudo se facilitará.*
>
> *Feda – Oh, então ele praticará dúzias de vezes, se é para o bem. ...()*
> [Grifos meus[9]]

Como se pode perceber, na citação acima, somente foi possível comparar e ter certeza pois outra médium foi utilizada (com intermediação pela mentora – Feda) e assim conseguiu-se detectar a dificuldade que o espírito teve de se comunicar, e mais, de conseguir controlar e "dominar" um corpo que não era o seu e não fazia mais

[9]Livro RAYMOND, Oliver Lodge. (http://www.scribd.com/doc/100684649)

parte de sua realidade cotidiana. Através da Sra. Leonard, Feda, sua mentora, conseguia repassar as informações de forma mais clara, obviamente por já dominar o controle sobre a médium[10].

Pudemos ver que o espírito de Raymond também passou por alguma amnesia, pois ele tentou se comunicar mas acreditou não ter conseguido (comentado por Feda após). No entanto Raymond pronunciou algumas palavras, mesmo talvez, não se lembrando delas. Isso já envolve um conhecimento espírita mais profundo e prefiro não adentrar aqui pois é extenso e demandaria um novo livro a respeito (mudança de estado de consciência quando o espírito se conecta ao médium). Pretendo ser simples nessa obra, afim de atingir o publico amplo espírita e levar o conhecimento de forma menos técnica e resumida.

[10] A médium Leonard nada sabia sobre o experimento anterior de Oliver Lodge. O físico sempre se manteve com espirito experimentador, testando as hipóteses isoladamente.

MEDIUNS CONTEMPORÂNEOS TAMBÉM AFIRMAM A DIFICULDADE

Constatar que os espíritos precisam de certa habilidade para se comunicarem através de um médium não é uma descoberta ou constatação exclusiva minha, pelo contrário, estou apenas sendo um mensageiro de algo que já se havia percebido a tempos a trás, porem ficou escondido em livros velhos ou ficou implícito num conhecimento empírico de alguns "mais dotados".

Para não trazer à tona extenso material e manter a simplicidade desse livro, vou citar alguns comentários que o médium James Van Praagh fez em sessões públicas (relatadas em seus livros).

Para quem não o conhece, Van Praagh é um médium americano famoso. Praagh possui uma notável mediunidade de visão e audição, o que pode ser interpretado por clarividência[11], por alguns. O médium "ouve" com tal precisão que consegue obter nomes,

[11] Eu prefiro não usar o termo CLARIVIDENTE pois esse possui uma classificação mais ampla em meio a parapsicologia. O uso inadequado de certas palavras podem pressupor algo desconjunto com o contexto. A clarividência é uma habilidade extrasensorial específica e não necessariamente tem a ver com comunicação com espíritos, ou seja, é uma capacidade inerente da mente, podendo essa ser cerebral (na hipótese materialista) ou espiritual (na hipótese de que a mente sobrevive a morte do corpo).

números e dados específicos, transmitido pelos espíritos, assim como também os consegue "ver"[12] de forma muito clara.

Embora criticado por cobrar por sessões, Van Praagh continua seu trabalho, intermediando os vivos e os mortos e escrevendo seus livros.

Ele não conseguiu escapar dos críticos, afinal, onde é que eles não estão? Mas tudo bem, fazem parte do processo. O médium é acusado de fazer leitura fria (técnica charlatã de induzir o próprio interessado a fornecer os dados) e obter dinheiro pela fé das pessoas. Ora, Chico Xavier era acusado por muitos críticos, mas como não pedia dinheiro, então os argumentos eram de que ele tinha problemas psicológicos pela infância difícil que teve, Van Praagh não escapou por que cobra pelos serviços prestados.

Opiniões e acusações a parte, o fato é que, tanto Chico Xavier quanto Van Praagh, demonstraram capacidade mediúnica suficiente para convencer multidões. O ponto negativo forte contra eles é que eram (ou é, no caso de Praagh) imperfeitos, ou seja, a mediunidade não é infalível e somente quem a conhece bem e suas variantes pode compreender o que ocorre de fato. Mas seria perda de tempo tentar defendê-los ou tentar explicar algo aos céticos desinformados, basta dizer que nem o famoso "desmascarador de fraudadores" (James Randi) conseguiu derrubar Praagh, quando colocados frente-a-frente[13]. Na internet existem centenas de videos, uns denegrindo o médium, outros demonstrando suas habilidades.

---

[12] Utilizo o termo "ver", entre aspas pois, na verdade, tal visão não existe. O que existe sim é uma percepção interpretada pela mente como uma visão. Em momento oportuno, num futuro livro, irei dedicar-me exclusivamente ao extenso tema.

[13] http://www.youtube.com/watch?v=UlwZWmu-bNM

No entanto é comum que, Praagh em sessões públicas ou em livros, comente (por vezes) que um espírito ou outro é um "bom comunicador". Embora a mediunidade de vidência e de audição, sejam mediunidades mais "do médium", os fatos tem demonstrado que um espírito, ao se comunicar, pode ser mais direto ou conciso, favorecendo a retransmissão da mensagem a ser informada. Isso pode ocorrer em casos, por exemplo, onde o espírito não consiga sintonizar-se com a "parte auditiva" do médium, mas daí exibe-lhe alguma imagem que possa dar sentido a mensagem. Abaixo um caso interessante[14]:

> *- Seu irmão foi morto por uma granada que explodiu por ter ficado presa em suas roupas?*
> *O rapaz recostou-se, abalado, na cadeira. Sua boca movia-se vagarosamente, tentando dar forma às palavras:*
> *- Sim, foi isso que o relatório do governo registrou.*
> *Não podia acreditar.* ***Nunca havia experimentado uma visualização tão vívida****. Era difícil conter minha excitação. Mesmo assim, prossegui.*
> ***- É impressionante! Seu irmão é um comunicador fantástico****. Espere... vamos ver o que mais ele quer nos dizer. Ele está*

[14]Trecho retirado do livro Conversando Com Os Espíritos.

> *descrevendo como se sentiu, ao despertar. Ele diz que parece terem transcorrido apenas um ou dois segundos, quando voltou a si. Ele olhou em volta e deu-se conta de que se sentia diferente. Não estava mais tão cansado. Viu então um grupo de seus companheiros de pelotão em pé, formando um círculo e gritando. Mas não conseguiu escutar o que diziam, até que se aproximou. Estavam chamando por seu nome: "Mike! Mike!" Ele lhes respondeu, mas não podiam escutá-lo. Ele se aproximou do círculo e percebeu que estavam olhando para baixo, para o que restava de uma carcaça humana. De repente, uma sensação estranha e lúgubre percorreu seu corpo. Olhou para a plaqueta de identificação que um colega de pelotão tinha entre os dedos. Seu nome estava gravado nela.[grifos meus]*

No caso acima citado, o espírito, mesmo parecendo caber unicamente ao médium vidente, demonstrou ser um “fantástico comunicador”. Palavras essas que Van Praagh denota, de alguma forma, que o espírito era “habilidoso” em lhe transmitir as imagens e informações telepaticamente.

Em outro momento, Van Praagh relata outro caso, no mesmo livro:

> *()... Stephen mencionou diversas coisas que sua mãe sabia que seu pai e sua irmã iriam reconhecer. Até esse momento, tratou-se apenas de uma manifestação, como muitas outras. A informação que chegou a seguir, entretanto, foi intrigante e quase inacreditável. Stephen revelou-se* ***um comunicador excepcional*** *- do tipo que é o melhor amigo dos médiuns. Era capaz de descrever em detalhes as coisas, sempre imprimindo-lhes o tom carinhoso e divertido que fazia parte de sua personalidade.*
> *[grifos meus]*

Nesse outro caso, o espirito de Stephen "sincroniza-se" perfeitamente com o médium e lhe fornece dados tão precisos que demonstram a veracidade da mediunidade e de sua identidade aos familiares. É possível concluir, e aprendermos com isso, como as coisas funcionam, ou seja, percebermos que nem sempre um bom médium consegue ter uma comunicação efetiva sem que o espírito lhe permita isso. Numa análise mais profunda, é possível pensar que muitos espíritos materialistas, depois de morrerem, não conseguirem se comunicar adequadamente por não se deixarem aceitar da nova situação. Tal hipótese se reforça enormemente pelos resultados obtidos em minha atual pesquisa, onde os espíritos de jovens recém

desencarnados comunicam-se de forma mais fácil. Isso não quer dizer que os espíritos que viveram aqui(encarnados por mais tempo não possam o fazer, mas somente os que o fazem de forma melhor eram os mais espiritualizados, isso é um fato.

Vejam esse outro caso interessante, de Praagh, ainda no mesmo livro *Conversando Com Os Espíritos*[15]:

> *- Ela está tentando me dizer seu nome. São três palavras separadas. Espanhol. Uma das palavras soa como Camille... ou Camilla?*
>
> *- Inacreditável. Seu nome era Camilla Dolores Garda.*
>
> *- Ah, muito bem. Isso foi ótimo. Sua mãe* ***é uma comunicadora excelente****.*
>
> *Houve uma pausa de alguns minutos.*
>
> *- Lamento dizer isso... - eu falei. - Mas preciso transmitir tudo o que é passado para mim. Não faço censura nenhuma à informação que recebo.*
>
> *- Tudo bem, vá em frente.*
>
> *- Você sabe que sua mãe foi obrigada a se casar?*
>
> *- Como assim?*
>
> *- Bem, ela está me dizendo alguma coisa sobre*

[15] Estou citando apenas trechos do livro para elucidar informações importantes que o médium nos traz, para saber mais, recomendo uma leitura profunda dos livros dele, são todos livros de fácil leitura e acessíveis.

ser forçada a se casar.

Ed ficou chocado. Nunca havia escutado isso antes e achou difícil de acreditar. Disse a ele que eu poderia não estar interpretando corretamente a mensagem. Seria melhor que fosse consultar seu pai a respeito. A sessão ainda prosseguiu por algum tempo. A mãe de Ed mencionou um anel de diamantes, comentou o trabalho de Ed no mercado financeiro e algo sobre sua mudança recente de emprego.

Ed deixou o encontro muito satisfeito - mas também extremamente intrigado. Poucos dias depois, telefonou-me e disse que havia falado com seu pai a respeito de nosso encontro. Seu pai confirmou a existência da medalha - que ele recebera no exército. Disse que a mantinha em seu quarto, em uma gaveta, junto ao anel de diamantes com que presenteara sua esposa. Ed conseguiu esclarecer o que sua mãe dissera sobre um casamento forçado. Seu pai havia se casado de novo, dois anos depois da morte da mãe de Ed. Fora obrigado a casar-se porque a mulher havia ficado grávida e o escândalo arruinaria a reputação da família, se ele se recusasse a desposá-la. Seu pai nunca contou nada a ninguém a respeito do assunto, manteve

> *tudo como um segredo de família.*
>
> *Ed ficou convencido de que havia conversado com sua mãe.*
>
> *Fie estava feliz em saber que ela sempre estaria com ele e que também o acolheria, quando fosse a vez de ele retornar ao lar do mundo espiritual. Ele disse que estaria aguardando ansiosamente pelo momento em que se reuniriam novamente, e para sempre.*

No relato acima há algumas informações preciosas. A primeira delas é a observação que Praagh faz sobre a capacidade que a mãe de Ed tem em se comunicar. É imprescindível comentar que, no caso recém citado, o médium conseguiu obter o nome dela com certa precisão[16], ficando em dúvida sobre Camille ou Camilla. Percebeu também que o espírito possuía três nomes.

Nesse caso citado acima, e onde encerro minhas citações de Van Praagh, podemos perceber também um importante e precioso item: O descarte da hipótese telepática[17].

---

[16] Gostaria de lembrar que são raríssimos os médiuns capazes de uma vidência ou audição tão notável como essa. Em trabalho anterior meu (e-book Mediunidade Mensurável, 2012), detalho sobre a psicografia, porem ainda aguardo o momento adequado para fazer um mesmo estudo sobre os médiuns videntes. Naquele trabalho, deixo claro o nosso limite atual em "medir" a capacidade do médium apenas e não do espírito, por esse motivo o grau máximo mediúnico não ultrapassa 50, pois não sabemos e não podemos estimar (pelo menos hoje) a habilidade que um espírito possa desempenhar.

[17] A hipótese Telepática diz que o "consultado" pode fornecer informação telepaticamente sem se perceber. A telepatia é uma habilidade extrasensorial onde precisa-se de alguém que envie algo e outro que capte a mensagem. Essa hipótese isoladamente não possui forte valor, pois o "consultado" teria que estar enviando a mensagem, algo que na prática observamos ser totalmente incoerente. O mais provável era a clarividência pura, nesse caso.

Para entenderem melhor, num breve resumo, há alguns pesquisadores materialistas desse tipo de fenômenos (ou religiosos que não aceitam a comunicação entre vivos e mortos) onde defendem que, uma comunicação como essa não justificaria a comprovação de espíritos existirem e se comunicarem, portanto alegam que em casos de médiuns fornecendo informações pessoais detalhadas, isso seria captado do inconsciente da pessoa envolvida, ou o "link" (no caso, Ed). Na situação acima mencionada, James Van Praagh fornece algo exato (também pela habilidade de Camilla se comunicar) porem onde o filho somente pode comprovar as informações após conversa com seu pai. Fica a seguinte pergunta: como então Praagh poderia saber de algo que nem o jovem interessado na comunicação sabia? (A mãe ter sido obrigada a se casar)

Ora, o mais obvio é que a própria mãe de Ed estivesse comunicando, porem esse "obvio" para alguns não é tao obvio assim e por isso acabaram criando uma outra hipótese, essa que a chamam de super-psi, onde o médium captaria isso de forma mista usando telepatia com clarividência e com a possibilidade de retro-cognição (acessar informações do passado por uma habilidade do cérebro, ainda não dominada) e em outros casos a pre-cognição[18].

Embora não seja o objetivo aqui aprofundar e nem rumar para tal discussão, apenas expus a situação para uma breve introdução à temática.

[18] Retrocognição é a capacidade extrassensorial de se obter informações do passado, a partir de alguma referência (objeto por exemplo). A precognição é a mesma capacidade, porem de se obter informações sobre o futuro.

Para os pesquisadores espíritas a hipótese super-psi é tao absurda que foi criada para justificar o injustificável, lhe dando poderes de "varinha mágica", ou seja, quando não se consegue explicar a existência de um fenômeno que evidencie a sobrevivência da mente após a morte do corpo, diz-se que pode ser "explicada" pela hipótese super-psi, mesmo não tendo como comprová-la efetivamente.

Para compreenderem melhor, essa hipótese (super-psi) é a única que deixa sempre a dúvida perante casos muito específicos espíritas.

Mesmo que os materialistas ou dissidentes de crença que recuse a comunicação entre vivos e mortos (algumas religiões) tente justificar, e alegarem que a hipótese é real, essa não se sustenta por mera lógica:

Por que, Van Praagh, se fosse um mero clarividente, de onde estaria captando as informações da mente de Ed, ansioso por contato e "mensagens confortantes" de sua mãe morta, forneceria uma informação retrocognitiva inoportuna ao momento?

Ora, me parece que seria mais obvio que o discurso se mantivesse na linha de pensamento do filho, "captando" ainda mais e infinitamente detalhes já constatantes na mente dele (lembranças). É por isso que existe certa "zombação" de se atribuir poderes mágicos a super-psi.

O QUE APONTAVAM PESQUISAS DO PASSADO?

Entre tantos pesquisadores, irei me deter a apenas dois deles: Ernesto Bozzano e William Stead. Ambos considerados grandes pesquisadores dos fenômenos espíritas[19].

As pesquisas de Bozzano, como as de Stead, foram extremamente importantes para a Ciência Espírita. Eles alcançaram enormes avanços sobre detalhados fragmentos não percebidos até então (Séculos XIX e XX) e deram um grande salto sobre o estudo da perda de memória quando o espirito retorna à matéria[20], e puderam identificar certas características importantes sobre como o processo ocorre e suas limitações.

Existem muitos outros que pesquisaram, um deles, Gabriel

[19] Infelizmente, no Brasil, os espiritas limitaram-se seus conhecimentos a um tipo cultural de livros. A parte positiva disso foi que se elevou o nível moral, a parte negativa foi que se estagnou no nível intelectual. Os espiritas brasileiros em geral estão um século atrasados (no mínimo), limitados ainda as primeiras pesquisas de Kardec, onde a idolatria pareceu dar peso maior do que as próprias palavras do codificador, onde esse sempre desejou a continuidade do seu trabalho.

[20] Alguns estudos deles demonstraram efetivamente a perda da memória quando espíritos "entravam" na aura dos médiuns, perdendo sua super-consciência e retomando um pouco do seu inconsciente e consciente quando em vida na terra.

Delanne, que merece também todo o respeito e atenção. Eles foram, sem dúvida, sucessores de Kardec, reconfirmando e corrigindo partes necessárias da Codificação Espírita.

Bozzano cita em seu livro ANIMISMO OU ESPIRITISMO:

> Como é sabido, William Stead possuía, em grau notabilíssimo, a faculdade mediúnica da escrita automática (psicografia), por meio da qual lhe foi ditado o áureo livro de revelações transcendentais intitulado: *Letters from Julia* (Cartas de Júlia). Além disso, chegou sistematicamente a entrar em relação mediúnica e a conversar livremente, à distância, com personalidades vivas, obtendo muito amiúde confissões e informações que as personagens vivas jamais lhe teriam confiado em condições normais. Nunca ele pensara na possibilidade de conversações supranormais de tal natureza e foi a personalidade mediúnica "Júlia" que lho sugeriu, a título de experimentação.
>
> Numa famosa conferência que fez na *London Spiritualist Alliance*, no ano de 1893, narrou nestes termos como enveredara por essa ordem de pesquisas:
>
> *"Um dia, escreveu Júlia: "Porque te surpreende*

que eu possa servir-me da tua mão para me corresponder com uma amiga minha? Qualquer um pode fazê-lo."

– Perguntei-lhe:

"Que queres dizer com esse qualquer um?" – Respondeu:

"Qualquer um, isto é, qualquer pessoa pode escrever com a tua mão." –

Perguntei mais: "Queres dizer qualquer pessoa viva?" – Ela replicou: "Qualquer amigo teu pode escrever com a tua mão." –

Ao que observei: "Queres dizer que, se eu pusesse a minha mão à disposição dos meus amigos distantes, eles poderiam servir-se dela do mesmo modo pelo qual o fazes?" – Sim; experimenta e verás. –

Pareceu-me que ia tomar sobre mim uma árdua tarefa; mas, decidi tentar a experiência. Os resultados foram imediatos e espantosos...

Coloquei, pois, minha mão às ordens de amigos que residiam em diversos lugares distantes e verifiquei que eles, ***em sua maioria****, estavam em condições de comunicar-se,* ***embora variasse muito a capacidade, que tinham****, de fazê-lo. Alguns escreviam de súbito e correntemente, com as suas características*

> *de estilo, forma e caligrafia, às primeiras palavras transmitidas, para depois prosseguirem com intermitência, como se escrevessem normalmente uma carta...()*
> *[grifos meus]*

Em destaque ao comentário de Stead, repassado por Bozzano, se percebe que, mesmo em testes de psicografia entre vivos (inconsciente), a "capacidade necessária" para conseguir se comunicar é notória. Nessa situação (comentada) temos o médium (e pesquisador) relatando que, em alguns momentos, alguns conseguem se comunicar de forma melhor do que outros.

As observações e conclusões de Bozzano não param aí, em mesmo livro ele conclui algo importante:

> *Observo que a justeza das considerações expendidas é confirmada por uma declaração importante que o Espírito "Ourio" – um dos falecidos filhos do casal Crawley – deu à sua mãe*[21]*. Tendo-lhe esta pedido que transmitisse a seu marido uma das costumadas mensagens, "Ourio" ponderou:*
> *"Querida mamãe, estou certo de que a esquecerei.*

[21] Isso ocorreu numa sessão numa sessão de teste, onde uma mãe faz contato com o filho morto. Era comum fazerem testes para envios de mensagens de um médium para outro, afim de testar a possibilidade e capacidade da informação chegar "integra" até o destino – outro médium em outro lugar, tendo o mesmo espírito manifestante.

Quando nos afastamos da vossa presença, a mensagem que nos confiais se apaga da nossa memória. Além disso, ***para mim, a transmissão dessas mensagens é mais difícil do que para outros.****"*

Segundo seu irmão Frank[22]*,* ***a dificuldade em transmitir mensagens dessa natureza era maior para o Espírito "Ourio" pelo fato de haver este morrido ao nascer.*** *Não tendo vivido, saía-se mal em tudo o que se referia a experiências práticas no mundo dos vivos, ao passo que conseguia transmitir mensagens transcendentais muito mais facilmente do que outros.*

É teoricamente preciosa esta última mensagem porque esclarece em poucas palavras o que eu tive de demonstrar afanosamente, recorrendo à minuciosa pesquisa analítica dos episódios considerados. Por conseguinte, firmado em tudo quanto tenho expendido, dever-se-á deduzir que, se os Espíritos que se comunicam esquecem em grande parte, quando saem da "aura" dos médiuns, a incumbência dos experimentadores, é racional se presuma que, nas circunstâncias em

[22] Frank também havia morrido e se comunicava, porem "Ourio" morreu quando bebê, enquanto Frank já com mais idade.

> *que se colocam ao imergirem na referida "aura", com o objetivo de provarem sua identidade, citando avultado número de pormenores pessoais, hajam de esquecer a maioria destes pormenores, mal se dê a imersão deles na "aura" inibidora...()*

Creio que tenha sido oportuna tal citação, onde o caso pesquisado foi um dos mais interessantes para demonstrar a capacidade que um espirito precisa ter para se comunicar. Temos alí duas vertentes de informação, a de um irmão que morreu ao nascer, não possuindo experiencias materiais e outro que já as possuía (Frank). A habilidade de cada um era diferente e num momento de transe do médium, a comunicação poderia ficar complicada, ainda mais em se tratando de envio de recados por parte de um espirito que compreendia pouco da vida na terra.

A filha de Stead, na introdução do livro COMUNICAÇÕES COM O OUTRO MUNDO, psicografada pela médium Hyver, comenta o seguinte:

> Em 1892, Mme. Hyver entrou em contato com a Duquesa de Pomar e perfez sessões com ela regularmente todas as semanas até a duquesa morrer, há dois anos. Mme. Hyver diz que foi a duquesa quem, do outro lado, apresentou meu

pai e o grupo de espíritos que trabalham com ele à pequena corrente que ela tinha com alguns amigos. Isso foi em 1913, bem à época na qual ele me disse que estava em contato com uma médium em França. As mensagens que ele deu então eram curtas e sem interesse e Mme. Hyver não as manteve.

"Minha crença", diz ela em uma carta, "é que **Stead estava apenas treinando naquele tempo**."

As mensagens dadas neste livro foram recebidas por ela em intervalos entre cinco de maio de 1914 e primeiro de fevereiro de 1915.

Em 1912, a seguinte mensagem foi recebida uma poucas semanas após sua passagem:

*"**Quando eu vejo por mim mesmo as dificuldades extraordinárias na obtenção de mensagens a partir deste lado**, não me admiro que temos tão pouco, mas que temos tanto quanto fizemos em nossas pesquisas, quando eu estava contigo.*

Pois é você e suas condições que fazem a barreira. Ideias preconcebidas, ferroando como agulhas em sua mente, preconceitos e superstições preconcebidos - tudo isso deve

> *ser esmagado e jogado fora antes que os dois mundos possam perceber que são únicos e unos, e podem combinar-se para expressar aquilo que mais do que nunca eu descobri ser o supremo objetivo de toda existência - a realização da Divindade no Homem, pela União de todos aqueles que Amam no Serviço de todos aqueles que sofrem...()*
>
> [Grifos meus]

Ela continua, em outro momento, depois de narrar algumas pesquisas elaboradas por seu pai (Stead) no mundo espiritual e então traz uma importante informação:

> *Seu próximo passo era escolher o médium pelo qual daria suas instruções.* ***Ele escolheu uma francesa que sabia pouco sobre sua vida ou personalidade****, porque ao escrever através daqueles que o conhecia, ou sabiam um tanto dele, havia o perigo de que as mensagens fossem "coloridas" por tais conhecimentos.*
>
> *[Grifos meus]*

Esse detalhe é interessante porque a transmissão da mensagem se faz melhor quando o médium nada sabe ou pouco sabe

sobre o conteúdo. Stead provavelmente queria evitar o animismo e o personismo[23] ao máximo nas mensagens. Embora pouco preocupante (ou desconhecido) aos espíritos, isso nitidamente perturbava Stead, sendo comentado por ele em outras sessões com médiuns genuínos.

Depois de Estelle Stead comentar alguns pontos interessantes, seu pai, já em psicografia através da médium, simplifica e resume bem o que passou a ser minha conclusão atual, ele disse, nas primeiras linhas:

> *É tão difícil para os espíritos voltarem para a Terra como é para vocês penetrarem nos reinos dos espíritos.*

Poucas palavras mas que dizem tudo. Talvez nem seja necessário aprofundar e comentar, pois o espírito relata, de forma simples e concisa a dificuldade que é para eles "acessarem" nossa dimensão. Ele continua:

> *É anormal que os mortos tenham de voltar ao físico, como são obrigados quando se manifestam. As almas dos mortos, excetuando o primeiro período após a morte,*

[23] Personismo é uma característica identificada por Alexandre Aksakof, se caracteriza por uma interferência (proposital ou não) que ocorre nas psicografias. O médium, normalmente em psicografia intuitiva (ou até casos onde "ouve" e transcreve), insere seus gestos e jeitos nas escritas. Chico Xavier, por exemplo, em psicografias intuitivas fazia isso com frequência e por isso acabou sendo criticado por muitos. As cartas pareciam ter uma mesma ordem e características, misturados aos dos espíritos.

> *nada têm a fazer com a Terra diretamente, pois sua evolução espiritual os leva para bem longe daquela baixa esfera onde a humanidade luta.*

Na interpretação de Stead, os espíritos, após retornarem ao plano espiritual, se alocam novamente (com o tempo) em seus níveis de evolução, e toda a vez que é preciso se comunicar por um médium, esse espírito precisa abandonar seu plano e retornar as sensações terrenas e isso implica em certo desconforto[24]. Provavelmente isso não reflita a todos os espíritos, uma vez que depende da evolução de cada um.

William Stead, com seu jeito meio radical, emite parecer do lado espiritual com conhecimento de causa, afinal, ele foi um grande médium psicógrafo e pesquisador do assunto. Ele diz:

> *Voltando aos médiuns. Eles são, no máximo, um meio medíocre de correspondência. Os pensamentos transmitidos por eles são embaralhadas pelo peso de seus corpos físicos e deformados pela resistência de seus cérebros. Estão em perigo de espíritos maliciosos e quanto mais inteligente e malévolo o espírito é, maior é o perigo.*

[24] Talvez por esse motivo, Francisco Xavier gostava de usar o termo: "O telefone só toca de lá para cá". Depois de seculos de estudos, incluindo Kardec, Delanne, Bozzano, Stead e ourtos, sabemos que isso não é uma verdade, mas o rumo que o médium mineiro deu, de evitar as evocações, parece ter sentido depois dessas palavras. A ideia central é deixar que eles venham se comunicar se assim o puderem e quando puderem, evitando os chamados (invocações).

> *Tirando inteiramente os perigos e considerando apenas as mensagens, descobrirá que são muitas vezes distorcidas quando são dadas pelo intermédio de um médium.*

Opiniões e visões a parte, essa citação traz comentários importantes sobre detalhes "mais técnicos" de como o cérebro pode influenciar (e influencia). Ele continua:

> *Há terríveis obstáculos para transpor quando devemos usar um corpo estranho como intermediário (como quando um médium está em transe).* ***Muitas vezes acontece de parcialmente perdermos algumas de nossas faculdades e estarmos em tortura quando expressamos uma idéia*** *que, sob a forma que é dada mais tarde pelo médium, falhamos em nos fazer reconhecer ou o reconhecimento é apenas sutil. [Grifos meus]*

Nessas poucas palavras (não querendo entrar em detalhes mais profundos), Stead relata algumas situações e sensações a que o espírito passa no momento em que "se aproxima" (ou "sintoniza") do médium para psicografar ou se manifestar.

Contudo, e ainda para manter a simplicidade desse pequeno livro, vou abster-me de entrar a fundo nos detalhes mais "técnicos",

deixando assim esse fragmento de semente que espero que germine na mente dos espíritas de nosso século.

No capítulo seguinte, relato o último exemplo de caso. Depois irei comentar rapidamente sobre alguns limites dos espíritos, para que conheçam e evitem perguntas que eles não possam responder.

A PSICOGRAFIA DE GRACE ROSCHER

Aproximadamente no ano de 1959, uma inglesa de base religiosa anglicana, sozinha em casa, teve seu braço estimulado a escrever por si mesmo. Estranha ao fato, deixou ocorrer. Surgiram então escritas onde um homem se identificava por Gordon Burdick.

Gordon não era estranho a ela, pelo contrário, haviam laços fortes entre os dois, porem, o "autor" dos rabiscos já havia falecido.

Grace relatou em seu livro *Beyond The Horizon*, que desacreditava sobre o evento que ocorria, mas também não o temia. O comunicador, como assim o chamava, se identificou e começou a escrever informações interessantes, algumas, segundo ela, sem que ela realmente soubesse. O interessante do fato ainda residia no movimento involuntário do seu braço, gerando escritas fieis ao autor.

Num primeiro momento, ela pronunciou-se que não acreditava, ou melhor, que acreditava que fosse algo de seu inconsciente, algo que poderia estar gerando o movimento sem seu controle consciente.

Depois que ela acostumou-se ao fato e, Gordon tentando lhe

provar de varias maneiras que estava lá por “permissão superior”, Grace decide levar os escritos ao Reverendo de sua igreja, para que o mesmo pudesse lhe dar algumas explicações. O reverendo desconfiado, tomou a melhor decisão, em seu tempo: *-Vamos deixar um especialista em grafismos comparar as letras originais com as cartas.*

Após análise de um perito, o mesmo atesta que haviam grafismos genuínos de Gordon misturados aos grafismos de Grace, portanto, o perito não soube explicar o fenômeno, apenas detectou os fatos.

Estou usando esse caso, isolado, para demonstrar que o fenômeno não se restringe a regiões e povos, todos estão sujeitos a eles independente de quem seja ou idade que possua. Esse caso é interessante também porque ocorre num meio não espírita, evitando assim a possibilidade de alguma influência de cultura prévia ou de conhecimento da doutrina ou dos fenômenos.

Havia algo ainda mais interessante entre as escrituras, e passam a ser importantes ao ponto de fazer-me citar aqui sobre o tema envolvido nesse trabalho. A Sra. Grace acabava por fazer as perguntas e ele as respondia precisamente.

Dentre as perguntas que Grace elaborou, estava a seguinte:

> *Aqui eu perguntei: “Como é que está fazendo para escrever?”*
>
> *A resposta foi: “Eu pego sua mão e conduzo pelo papel.”*

Para os mais estudiosos da Ciência Espírita, não preciso falar muito para elucidar que se trata de um fenômeno de psicografia mecânica, embora ela ainda, naquele tempo, Grace parecesse não compreender sobre o assunto.

O livro é sensacional [25] em relatos do mundo espiritual, condizendo inclusive com informações transmitidas por Chico Xavier em suas psicografias, tais como lugares similares a hospitais etc.

O tempo passou e muitas informações continuavam a ser enviadas e cada vez mais o "comunicador" afirmava estar melhorando sua capacidade de se comunicar através da médium, vejam esse momento (estou omitindo as outras informações doutrinárias pois não é o foco aqui):

> *Um dia me foi dito: "Eu acho que se você segurar a caneta um pouco menos firme, eu poderia escrever mais livremente, é tão fácil agora para mim, sou capaz de usar sua mão, mas você pode abrandar "seu segurar" um pouco, então eu posso mais ou menos manipular a caneta por mim mesmo".*

Depois ainda, ele recomenda a ela, simplesmente tentar apoiar a caneta, pois ele desejava tentar manipular a caneta sozinho:

> *Assim eu obedeci esta instrução, como resultado,*

[25] O estou traduzindo e em breve pretendo deixá-lo a disposição.

a caneta se moveu com maior velocidade escrevendo mais rapidamente, em consequência disso, ***o traço ficou mais parecido com a caligrafia original dele***[26]*. Sabendo que agora eu estava apenas tocando na caneta de forma tão leve, comparada a antes, pensei, "Se você é tão inteligente assim, vamos ver agora se você pode escrever sem eu segurar." Então eu coloquei a caneta entre o polegar e indicador, de modo que apenas a caneta descansasse lá, apenas para apoiá-la. Meu polegar e o dedo mantinham-se distantes, e eis!* ***Ele escreveu, e com sua letra***[27]***.*** *Ele expressou satisfação com isso e disse: "É uma prática muito boa para mim e me permite controlá-la (caneta) bem sem a sua ajuda. Acho que se eu continuar a escrever assim eu logo serei capaz de escrever mais habilmente, c****omo agora que estou segurando a caneta em vez de segurar sua mão****, isso é uma experiência muito interessante. "*

Segundo ele [dizendo Grace], ***mesmo o tipo comum de escrita automática era <u>muito</u>***

[26] Indicando um provável efeito anímico reduzido.
[27] Provavelmente já passando a anular totalmente (ou quase) o animismo, passando a um fenômeno físico (PSIkapa).

> ***<u>difícil no início</u>**, e envolvia uma grande dose de concentração e esforço mental; ele afirmou que este novo método foi extremamente difícil e ele às vezes reclama que não conseguia pegar na caneta, mas não sabia porquê. Eu tentei manter minha mão mais rígida possível e não influenciar nos movimentos. A caneta elevou-se sozinha lentamente no final de uma palavra e depois abaixou-se para escrever a próxima, tudo sem qualquer esforço consciente da minha parte. [Grifos meus]*

Como é possível ver, em toda a comunicação citada, Gordon relata a dificuldade própria de escrever, sendo que Grace, bastava estar passiva e "ceder" sua energia ectoplasmática para que ele executasse o fenômeno.

Mesmo na psicografia com a mão guiada, ela é claro, tinha sua parte no processo mediúnico, porem relata ele que despendia enorme esforço mental para tal.

Gordon foi mais longe, relatando detalhes de seus esforços:

> *"Isso não é muito fácil e minhas letras estão mal formadas hoje, eu acho que é porque eu não consigo ainda, é muito difícil no início. Isso é um esforço mental". [Grace] Os escritos, certamente, variaram bastante, às vezes eram muito bons,*

> *outras vezes estavam trêmulos e incertos*[28]*, mas a escrita sempre foi dele. Ele estava ansioso por continuar a escrever dessa maneira como sendo uma boa evidência de sobrevivência.*
>
> *Em outra ocasião: "Eu estive com você todos os dias, agora devo continuar com esta maneira de escrever, o que vou fazer é te dizer como eu faço isso... Bem, é isso que acontece: Eu seguro a caneta em vez de sua mão e então impulsiono a caneta que, devido à sua posição, sua mão se move junto com ela. Eu sinto que com o tempo,* ***com a prática****, eu serei capaz de escrever tão rapidamente como seria o caso quando eu estava escrevendo da maneira habitual.* ***Sinto que já estou ficando mais experiente*** *para este método de escrita e ficando mais rápido nisso,* ***é tudo uma questão de prática****". Nesta ocasião, ele assinou o seu nome completo.*

Por fim aqui, já não me restaria mais dúvidas, mas os experimentos foram mais longos.

Depois que tudo ocorreu, Grace finalizou o livro (seria a missão dele em transmitir tais fatos da vida após a morte) mas o perito que analisou os grafismos lhe impôs um teste: usar uma outra médium de mesma capacidade e fazerem testes trocados!

[28] Eis ainda uma incógnita: Seria motivado por ele? Seria motivado por falta de energia da médium? Seria estado psicológico da médium? Há que se descobrir um dia.

Isso era perfeito! Nenhum experimentador pensou em algo similar antes. O que de fato o perito desejava fazer era que Grace cedesse a mão para outro espírito escrevesse, sendo esse espírito já testado em grafismos, fazendo o inverso também, ou seja, que Gordon usasse a mão da outra médium para comparar o fenômeno.

Grace relata o sucesso na habilidade de Gordon com a outra médium, porém, de início, o outro espírito não conseguiu escrever. Ela indagando-se do motivo, deu-se conta de que segurava a caneta de forma que Gordon usualmente fazia movimentos diretos, com "técnica" mais apurada, repensou e segurou normalmente, pronto, o fenômeno se repetia e o outro espirito conseguiu usá-la como médium.

Por fim, convenci-me por completo de que espíritos precisam realmente saber se comunicar e tal responsabilidade não pode e não deve ser atribuída totalmente ao médium.

ALGUNS LIMITES
PARA OS ESPÍRITOS

Ainda, para manter a simplicidade, não irei a fundo e trazer à tona todo um conhecimento sobre os limites que os espíritos possam ter. Alguns deles são simples, mas nem todos são tao fáceis de compreender e aceitar.

Como vimos num capítulo anterior, onde o filho “Ourio”, cuja morte ocorreu no nascimento, tenta ajudar nos experimentos, junto com seu outro irmão Frank (havia morrido com maior idade). Vimos que nos relatos, ficou clara a questão de que pedidos aparentemente simples (para nós) se tornam difíceis ou impossíveis a ele (enviar recados objetivos), algo que não era tão complicado ao irmão falecido que teve experiencia de vida material.

Como vimos também, um espirito quando se comunica de forma mais “mecânica”, ele precisa “aproximar-se” mais do médium, ou seja, ele precisa ficar mais “próximo” do plano material e isso lhe impõe alguma dificuldade porque sua memória se afeta, entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Ao longo de meus estudos, ficou-me clara a evidência de que os espíritos, logo que deixam esse mundo (dos vivos), passam por uma fase de readaptação no "outro lado" e, até que recuperem a memória original, entrando num estado de superconsciência, eles possuem um acesso temporário mais fácil ao meio material. Contudo nem sempre é possível prever ou definir algo muito variável, afinal, não sabemos como ocorre o processo exatamente mas sabemos que esse processo é único para cada um. Talvez isso explique porque muitos que morrem jamais voltam a se comunicar.

Num livro chamado O ALÉM EXISTE, escrito por um pai após usar uma médium para tentar achar o corpo do filho assassinado, ao se comunicar mecanicamente, o espírito relata varias informações que podem nos ajudar a medir os limites deles.... Em um determinado momento, quando o pai, a médium e os mergulhadores[29] estavam próximos a seu corpo, ele tentava orientá-los na busca. A psicografia foi feita na hora e no local e o pai pedia a profundidade e a distância a que estavam. O espirito respondia que a noção de distância e profundidade não era a mesma dele para a comparada ao mundo dos vivos[30], então ele tentava ajudar com outras informações, do tipo: "meu corpo está preso sob algumas raízes... há uma arvore na beira...."

Portanto, uma tentativa de comparar números e escalas, me parece que não seja uma boa opção. Aparentemente as informações são um tanto subjetivas e me parece que tentar "tridimensionalizar"

[29] Andreas, o filho do advogado Albertini (autor do livro), foi assassinado e teve seu corpo jogado num rio.

[30] Em alguns momentos ele falava... *"Acho que a 3 metros de profundidade.."*, mas era a noção que ele tinha e não conferia com a dos mergulhadores.

o mundo espiritual seja um erro ou um sinal evolutivo menor.

Outro ponto interessante a comentar, porém impossível e aprofundar nesse livro, é a diferença entre o conhecimento da percepção e da visão.

Até hoje, estudos discretos do passado, vem demonstrando que a visão espiritual não é como a nossa, aliás, é bem diferente da nossa. No LIVRO DOS ESPÍRITOS[31] algumas "entidades" já deixaram a resposta, porem ela é sutil e poucos ainda conseguem alcançar o seu verdadeiro significado. Em outras pesquisas, se conseguiu demonstrar (em testes bem específicos) que um espírito não conseguia ler, ao menos quando o autor da escrita fosse uma máquina.

Houve um teste aplicado à médium Leonard, onde, através de sua mentora (Feda), foi solicitado que o espírito lesse algumas páginas de um livro. Esse livro foi retirado por uma pessoa alheia ao grupo de pesquisadores (para eliminar a hipótese PSI) e os resultados foram bem interessantes. Para não estender mais, Feda não conseguiu ler qualquer palavra que seja, mas conseguiu captar a percepção deixada por quem o havia lido anteriormente.

---

[31] Há muitas referências no LIVRO DOS ESPÍRITOS, algumas:

245. O Espírito tem circunscrita a visão como os seres corpóreos?

R: "Não, ela reside em todo ele."

246. Precisam da luz para ver?

"Vêem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior... ()"

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

"Mais distintamente, pois que sua vista penetra onde a vossa não pode penetrar. Nada a obscurece."

250. Constituindo elas atributos próprios do Espírito, ser-lhe-á possível subtrair-se às percepções?

"O Espírito unicamente vê e ouve o que quer. Dizemos isto de um ponto de vista geral e, em particular, com referência aos Espíritos elevados, porquanto os imperfeitos muitas vezes ouvem e vêem, a seu mau grado, o que lhes possa ser útil ao aperfeiçoamento."

Não só por um experimento assim, mas por vários e vários é que se pode concluir que a visão no mundo espiritual não existe (como a conhecemos tridimensionalmente), mas sim a percepção.

Por fim, não relatei esses detalhes para abrir uma discussão, até porque isso vem sendo matéria de estudo por mim por algum tempo e no momento certo irei escrever detalhadamente sobre isso em um outro extenso material. O importante é sabermos aqui que seria inoportuno tentar pedir informações detalhadas sobre algo que se fixe na visão materialista e que isso passa a ser algo que dificulta na comunicação e, nesse caso, provavelmente a influência da mente do médium irá agir contrapondo a intenção do espírito.

VOLTANDO AO CASO

Conforme dito no inicio, eu voltaria ao caso de Alice e Edson para melhor ilustrar as conclusões obtidas.

Para compreender minha conclusão é necessário um pouco de conhecimento sobre a psicografia em si, ao menos dispor dos conhecimentos contemporâneos sobre ela.

Carlos Augusto Perandrea foi o primeiro brasileiro a pesquisar a psicografia num ponto de vista grafoscópico e, com isso, chegou à algumas conclusões indiretas, além de demonstrar (diretamente) que os traços exclusivos de uma mente "morta" surgiam, sem explicações convencionais, em pedaços de papel. Dentre a principal conclusão de Perandrea, ficou a descoberta do hibridismo, isto é, Perandrea percebeu que a letra do médium misturava-se com a letra do espírito em questão. Tal descoberta, sem que ele imaginasse, também fora feita uma década antes pelo perito inglês Hilliger, após analisar as psicografias de Grace Roscher, citada nesse livro.

Na atual pesquisa que lidero, sobre análise grafoscópica de cartas psicografadas, o mesmo fato ocorre. Nas três amostras utilizadas como objeto de estudo, se repete o mesmo hibridismo,

portanto é imprescindível reconhecer que isso ocorre de fato[32] e considerá-lo como uma característica do processo (fenômeno).

Interligando isso ao presente estudo, se faz dispensável maiores detalhes, uma vez que o objetivo é focar-se na hipótese de que um espírito precisa realmente possuir a necessidade (ou habilidade) de "manipular" o médium para atingir seu objetivo da comunicação.

Vejamos o caso da Sra. Alice:

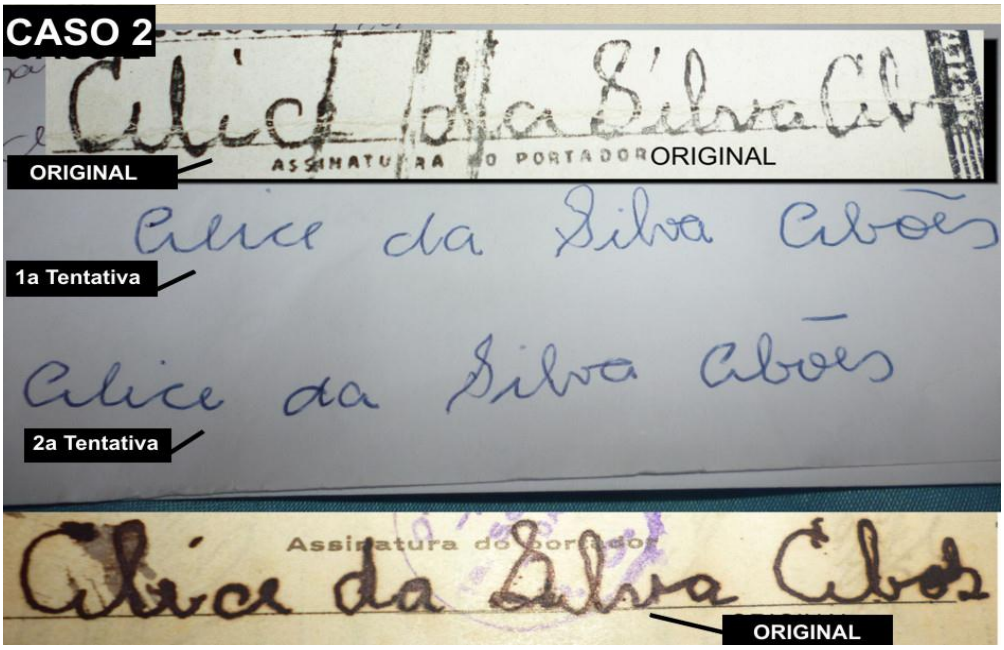


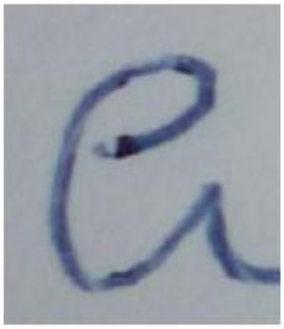
Figura 2

Na figura 2 temos, nas duas extremidades (acima e abaixo),

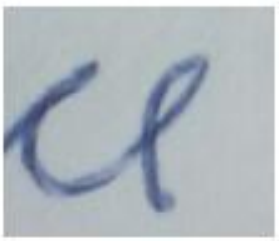
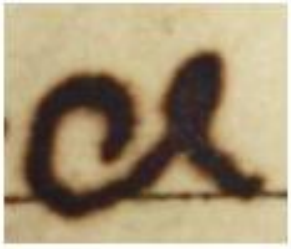
[32] Os casos estudados na pesquisa sobre Psicografia e Grafoscopia não constam nesse livro pelo fato do trabalho ainda estar em andamento.

amostras originais da assinatura da Sra. Alice. Entre essas (ao meio) temos duas amostras psicografadas no momento final do ocorrido.

Irei isolar algumas letras para serem comparadas separadamente, mas enfatizo que não me compete qualquer análise de nível grafoscópica, apenas um olhar amador em detrimento à semelhanças gerais (à esquerda, amostras psicografadas e à direta, amostras originais):




Independentemente de características detalhadas de cada amostra, o tipo de “A” é o mesmo.

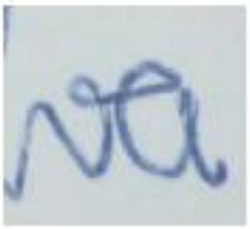



Embora aqui o “c” seja completamente diferente o “e” possui uma característica de subida num movimento e, após isso, torna-se “ponteagudo”, descendo de forma “estreita”.





O “S” em formato de “clave” possui tendência similar. É possível perceber as deformações (esquerda) pela influência da “mão-guiada”.





A letra “a” possui o mesmo tipo de semelhança, o “v”, de certa forma (no conjunto todo) também .

Obviamente por eu não ser perito em grafoscopia, não pretendo me aprofundar nos detalhes exatamente de cada ponto do grafismo.

Lembro que tais amostras não fazem parte do estudo grafoscópico e, por esse motivo, não incluem quantidade suficiente de evidências técnicas com tal precisão. A Sra. Alice era uma pessoa

de idade e uma das características é que, jovens que morrem de forma rápida (acidentes etc) possuem melhores amostras para estudo. Isso contudo não é uma regra, mas tenho observado isso ao longo da pesquisa e baseado nas amostras obtidas.

O principal intuito de expor fragmentos dos grafismos é o de comparar facilmente as grandes diferenças, vejamos algumas do Sr. Edson:

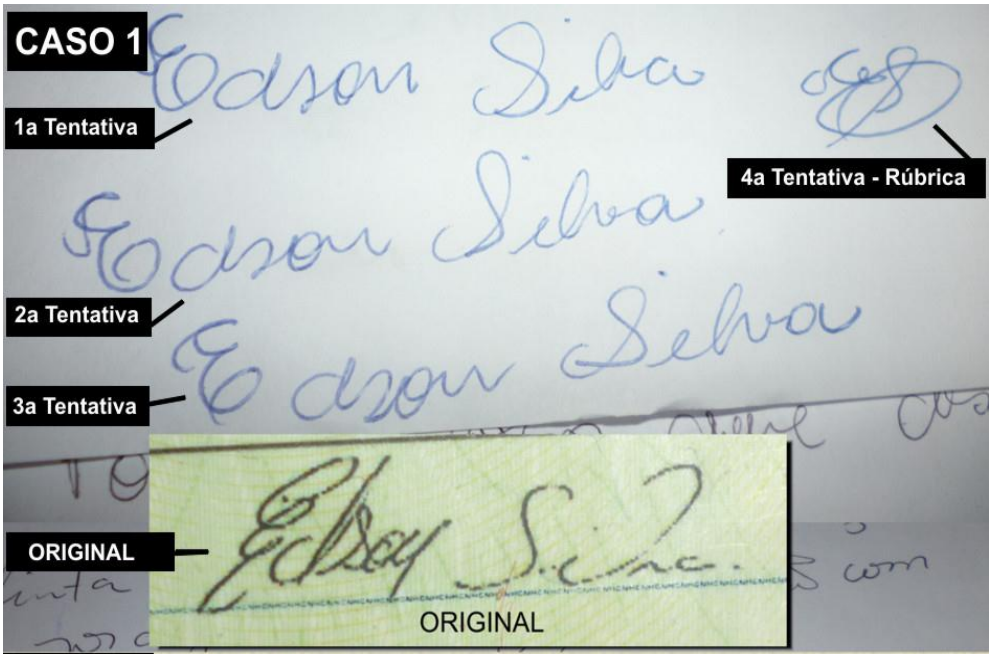


Figura 3





Vejamos aqui que, embora exista uma curvatura a mais no início da letra “E”, a mesma ocorre no original (a direta) acima do inicio da escrita. Isso não ocorre na amostra psicografada, mesmo existindo uma curvatura similar, porem essa ficando a abaixo e à esquerda. É possível notar também a inclinação do mesmo, um para a esquerda e o outro para a direita, sendo assim diferentes.

De um modo geral, nem se faz necessário expor os demais fragmentos da assinatura, isso porque nem o “S”, nem qualquer outra letra se parece com a original.

Existe também a rubrica, essa constando apenas as letras “ES”. Como não obtive uma amostra da referida rubrica, não pude analisar melhor, porem, se ela for apenas um “ES” pode ser considerada um bom indício do Senhor Edson estar tentando se identificar à sua esposa.

Se eu não conhecesse outras psicografias do mesmo médium eu poderia supor que ele influenciasse de forma intencional ou não, isto é, gerando grafismos aleatórios para que alguns pudessem se “encaixar” com algum presente a sessão. Isso de fato não ocorre pois possuo amostras de psicografias do mesmo médium sem as mesmas características de pressão e gênese gráfica, evidenciando assim casos

genuínos de grafismos.

Contudo ficou nítida as divergências entre semelhanças e diferenças “brutais” de um mesmo momento mediúnico.

Como comentei no início, me parece estranho pensar que, se o médium não “medía” nada (na hipótese PSI), ou seja, não se comunica com os mortos mas sim usa de um poder paranormal que lhe permite refazer assinaturas de pessoas mortas, pensando que “intermedia” o mundo dos vivos e dos mortos, como ele poderia em um momento fazer isso tão adequadamente e em outro não?

Independente de outras hipóteses que não a espírita, me parece bem evidente crer que o médium, ao ceder sua mão ou corpo (nos demais casos relatados nesse livro), divide sua responsabilidade de comunicação com a entidade em questão.

BIBLIOGRAFIA

Albertini, Lino Sardos – O Além Existe, 1988;

Aksakof, Alexandre – Animismo e Espiritismo, 1890;

Borges, Valter Rosa – Manual de Parapsicologia, 1992;

Bozzano, Ernesto – Animismo ou Espiritismo, 1938;

Dellane, Gabriel – Pesquisas em Mediunidade, 1923;

Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos, 1857;

Kardec, Allan - O Livro dos Médiuns, 1861;

Lodge, Oliver – Raymond, 1922;

Praagh, James Van – Conversando Com os Espíritos, 1998;

Perandrea, Carlos Augusto – Psicografia a Luz da Grafoscopia, 1981;

Roscher, Grace - Beyond the Horizon, 1961;

Stead, William – Comunicações Com o Outro Mundo, 1921.